

## ÉMILE BENVENISTE E A LITERATURA

Sabrina Vier<sup>1</sup>

sabrinavier@hotmail.com

**RESUMO:** Manuscritos de Émile Benveniste sobre a língua poética em *As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, têm suscitado diferentes estudos, tanto na área da Linguística quanto da Literatura. Este artigo aborda a presença do texto literário para além dos manuscritos, investigando sua presença em alguns estudos publicados pelo linguista. Como resultado, constata-se que a literatura comparece em diferentes textos do autor a partir de duas perspectivas: a primeira, como objeto de análise da língua e das línguas; a segunda, como objeto de análise do discurso. Conclui-se que a literatura em Benveniste pode ser entendida como possibilidade de problematizar o signo saussuriano como princípio único de análise, apontando a necessidade de uma nova linguística.

**Palavras-chave:** Linguística da Enunciação; Literatura; Linguagem.

### 1 INTRODUÇÃO

Meu primeiro encontro com a professora Marlene envolveu arte e discurso. A partir de canções de Chico Buarque, encantei-me com a rebeldia da palavra. Rebeldia essa que inspirou as quatro pesquisas em que tive o privilégio de ser sua orientanda. Em nossa última aventura, a escrita de minha tese, trabalhávamos com manuscritos de Benveniste sobre a linguagem poética<sup>2</sup>.

Em 1992, manuscritos foram anunciados em um artigo de Moïnfar (1992) e geraram o que hoje se conhece como Dossiê Baudelaire (DB). Esse material foi depositado na Biblioteca Nacional da França em 2004, vindo a público em 2008, via tese de Chloé Laplantine (2008), e em 2011, via editora Lambert-Lucas (Benveniste, 2011).

Em um dos fólios do dossiê, encontramos uma lista datada de 1967 com artigos prometidos pelo linguista, dentre eles, *Langages/ (A língua de Baudelaire)* (Benveniste, 2011). Sabe-se, hoje, que esse artigo foi solicitado por Roland Barthes, que organizou o

<sup>1</sup> Professora do Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>2</sup> Gostaria de agradecer imensamente ao Prof. Dr. Valdir Flores pela orientação em meu último ano de doutoramento e por ter propiciado a partir de seus ensinamentos um reencontro com a Marlene.

número 12 (publicado em dezembro de 1968) da revista *Langages*, intitulada *Linguistique et littérature*; no entanto, o artigo jamais foi publicado. Como a maioria dos 367 fólhos versa justamente sobre os poemas de *As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, temos por hipótese que o dossiê guarda importante estudo do linguista para essa publicação.

Em recente entrevista, Laplantine (2013) afirma que é preciso esclarecer, desde cedo, a relação de Benveniste com a Literatura, que vai além dos manuscritos sobre a língua poética de Baudelaire. E qual o lugar da literatura nos estudos publicados pelo linguista? A fim de responder a esse questionamento, traçamos a sequência deste espaço de fala em três itens. No primeiro, evidenciaremos como a literatura comparece nos tomos de *Problemas de Linguística Geral*. Em seguida, buscaremos outras publicações de Benveniste que abordam o texto literário para averiguar de que forma este se faz presente. Por último, pontuaremos o lugar da literatura nos estudos linguísticos empreendidos pelo autor e a singularidade desse lugar nos manuscritos do DB.

## **2 PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL I E II<sup>3</sup>**

No artigo *Semiologia da Língua*, de 1969, há um verso do poema *Correspondências*, de *As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire: “Os perfumes, as cores e os sons se correspondem”. (BENVENISTE, 1969/2008, p. 61). Esse verso evidencia o estudo empreendido pelo linguista acerca do discurso da língua de Baudelaire que encontramos no DB (Vier, 2016). A exemplo desse excerto literário, iniciamos nosso percurso explicitando a presença de outros excertos nos artigos publicados nos dois tomos.

Dos quarenta e oito textos, encontramos excertos literários em treze. O primeiro, do poeta francês Rimbaud, aparece no artigo *Estruturas das relações de pessoa no verbo*, de 1946 (Benveniste, 1995); o último, do dramaturgo romano Plauto, em *Dois modelos linguísticos da cidade*, de 1970 (Benveniste, 1989). Há um total de quinze autores citados por Benveniste: dez gregos, três romanos e dois franceses. Dentre eles, há quatro dramaturgos e onze poetas:

a) da Grécia Antiga, Ésquilo, Aristófonos, Sófocles, Eurípedes, Homero, Píndaro, Hesíodo, Anacreonte e Teócrito;

b) do século VI a.C., Teógnis;

---

<sup>3</sup> Parte deste artigo é resultado do primeiro capítulo da tese de Vier (2016). Essa pesquisa foi orientada pela Profa. Dra. Marlene Teixeira até início de 2015. Hoje, o estudo segue inspirado nos ensinamentos da amiga e professora desde a época da graduação em 2000.

c) do Período Republicano, Plauto, Ovídio e Virgílio;

d) do século XIX, Rimbaud e Baudelaire.

Independentemente do gênero e de sua procedência, os excertos literários trazidos pelo linguista visam à análise das línguas e da língua. No texto *A frase nominal*, de 1950, por exemplo, Benveniste, ao trazer Píndaro e Heródoto, o primeiro um autor literário e o segundo não, justifica sua análise da seguinte forma:

Nesses dois testemunhos, tão diferentes no tom, no estilo e no conteúdo, procuraremos ver se a frase nominal serve para especificar certas expressões ou se é simplesmente a forma ocasional de um enunciado que teria podido igualmente compreender um verbo explícito. (Benveniste, 1995: 174).

E isso é o que podemos ver na maioria dos excertos apresentados pelo linguista: eles dão suporte para especificar certas expressões que evidenciam a indissociabilidade entre homem e língua. Além disso, em muitas das análises realizadas, encontramos uma busca histórica em diferentes usos e que possam auxiliar a problematizar a linguagem.

Nessas análises empreendidas pelo linguista, contemplamos, de forma geral, os seguintes tópicos relacionados à língua e às línguas: (i) frase nominal, (ii) frase relativa, (iii) preposições, (iv) verbos, (v) vocabulário indo-europeu e (vi) genitivo latino. Além disso, há também excertos para problematizar (i) os eufemismos, (ii) a noção de “ritmo” na sua expressão linguística e (iii) a expressão lexical “ *cité* ” (cidade).

Dos treze artigos em que constatamos a presença de excertos de textos literários como objeto de análise, em doze deles, há um estudo que problematiza a linguagem via análise intralinguística. Somente em *Semiologia da Língua* podemos verificar que é a *arte* que problematiza a linguagem e, por extensão, abre perspectivas para uma análise translinguística: “Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem que o reflete” (Benveniste, 1989: 61). Ou seja, o que encontramos em Baudelaire está somente em Baudelaire.

Dos termos presentes nos tomos, *literário/a* aparece somente no texto *Esta linguagem que faz história*, de 1968 (Benveniste, 1989). A predominância está para termos como *poema*, *poesia*, *poético/a*, *poeta* e *linguagem poética*. Em sete artigos, esses termos comparecem para problematizar:

- a) a relação entre a linguagem do sonho (e sua significação) e a linguagem poética (e sua significação);
- b) o vínculo entre a linguagem dita ordinária e a linguagem poética;

c) a necessidade de um novo aparato teórico para estudar a linguagem poética.

Dessa presença constatada, destacamos dois excertos de *Esta linguagem que faz história*, uma entrevista a Guy Dumur, escritor e crítico literário, publicada na revista de atualidades *Le Nouvel Observateur* (hoje conhecida como *L'Obs*), em uma edição literária. Benveniste – cujo nome aparece em destaque na capa desta 210ª edição – afirma que:

Procurei indicar a analogia entre a linguagem do inconsciente e isto que denominamos as grandes unidades, um discurso inteiro, um **poema** inteiro, nos quais se pode encontrar um sentido freqüentemente muito distante do sentido literal. O senhor pode escrever uma carta cujo sentido profundo será exatamente o contrário daquilo que as palavras parecem significar. É assim que opera a significação no interior do sonho. Do mesmo modo, um discurso que procura sensibilizá-lo pode levá-lo a uma certa conduta sem jamais preconizá-la. O senhor tem neste caso o retórico, ou seja, um sentido segundo, diferente do sentido literal e agindo sobre a afetividade. [grifo nosso] (Benveniste, 1989: 36-37).

O que encontramos nesse excerto está relacionado às notas presentes no DB. No dossiê, Benveniste escreve que a palavra no poema transcende o signo linguístico para encontrar a emoção e a experiência. A palavra “natureza” pode estar em um poema para rimar com “beleza” e não para dizer algo sobre árvores ou animais, por exemplo. A palavra, assim, a partir do som, evoca uma realidade segunda, a da imaginação; realidade diferente daquela evocada pela palavra lexical, a palavra do dia a dia (Vier, 2016).

Voltemos ao artigo.

G.D. – O senhor pronunciou a palavra **poema**. A **linguagem poética** tem interesse para a linguística?

E.B. – Imensamente. Mas este trabalho apenas começou. Não se pode dizer que o objeto de estudo, o método a ser empregado já estejam claramente definidos. Há tentativas interessantes mas que mostram a dificuldade de se abandonarem categorias utilizadas para análise da linguagem ordinária. [grifo nosso] (Benveniste, 1989: 37).

Uma das tentativas anunciadas por Benveniste é a que vemos no DB. Tentativa porque o linguista escreve em diferentes notas sobre a necessidade de uma mudança radical de perspectiva em relação à língua poética. Benveniste estuda diferentes pontos de vista, delimitando a *palavra-escrita* como material do poeta, a *palavra-ícone* como unidade base e a *iconia* como modo de funcionamento. O que o linguista tenta, a todo momento, é distanciar-se

do signo saussuriano – do significante e do significado – para encontrar a *palavra em estado de arte*<sup>4</sup> (Vier, 2016).

E justamente em *Semiologia da Língua* encontramos um verso de Baudelaire, em que o linguista chama atenção para o fato de que a obra de arte não tem o signo saussuriano como unidade. No entanto, em nenhum texto publicado nos tomos, encontramos claramente definida essa unidade. Isso está apenas no DB (Vier, 2016).

O que vemos nos artigos são problematizações. Em *Saussure após meio século*, de 1963, o linguista se pergunta se a noção de signo saussuriano bastava para o estudo da linguagem:

Muitos pontos da teoria ainda estão por examinar. Haverá por que perguntarmo-nos, principalmente, se a noção de signo pode valer como princípio de análise em todos os níveis. Assinalamos noutro passo que a frase como tal não admite a segmentação em unidades do tipo do signo. (Benveniste, 1995: 47).

Além disso, problematiza que será necessário um novo aparelho de conceitos e de definições para a pesquisa linguística que considere um nível de análise que não tenha o signo como princípio.

Ainda em *Semiologia da língua*, Benveniste esclarece que a análise de obras aponta para uma semiologia de segunda geração, que será efetivada a partir da semântica da enunciação, mas não esclarece ao leitor seus princípios de análise:

O domínio semântico, ao contrário, deve ser reconhecido como separado. Ele precisará de um aparelho novo de conceitos e de definições. [...] Em conclusão, **é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único**, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Essa ultrapassagem far-se-á por duas vias:  
- na análise intralingüística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;  
- na análise translingüística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação. [grifos nossos] (Benveniste, 1989: 67).

Essa análise encontramos no DB, pois a partir dela, “[...] um estudo de base semiológica, foi possível produzir significância para a particularidade e a singularidade do discurso da língua de Baudelaire. Foi olhando para a escrita de Baudelaire que Benveniste pôde pensar a língua e problematizar a linguagem” (Vier, 2016: 136).

---

<sup>4</sup> Inspiramo-nos no termo criado por Klafke (2015): *língua em estado de arte*. A autora defende que, diante de uma obra de arte, a língua toca a linguagem como um dispositivo que permite ao homem sentir. Relacionando ao poema, a palavra, porque em estado de arte, suscita no homem a emoção (Vier, 2016).

O que vemos, então, nos artigos é a literatura como linguagem. Nesse sentido, também visualizamos o anúncio da necessidade de um novo aparato linguístico para estudar a palavra para além do signo saussuriano. No entanto, o que não vemos claramente é o estudo do texto literário como arte, ou seja, a arte problematizando a língua e, por extensão, a linguagem.

### **3 PARA ALÉM DOS *PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL***

Em 1925, o jovem Benveniste esteve próximo do movimento surrealista e de Louis Aragon e André Breton, com quem participou da assinatura da declaração *A Revolução Hoje e Sempre!*. Antes dessa participação, em 15 de março de 1924 – ano do Primeiro Manifesto do Surrealismo (Bader, 1999) –, publicou uma curta resenha da tradução em francês de Maurice Betz do livro *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*, de Rainer Maria Rilke, originalmente escrito em alemão, em 1910, e considerado o primeiro romance moderno em língua alemã (Martins, 2011). Essa resenha foi publicada no número 1 da revista *Philosophies* e, de modo geral, problematiza que “[...] a língua de Rilke implica uma conversão de análise [...]” (Laplantine, 2012: 76).

Dessa resenha, destacamos o início e o final do texto:

Incomodado primeiramente, e para romper com os prestígios de um idêntico encantamento, gostaríamos de armar a análise de uma virtude de exorcismo. Mas será preciso mudar nossos instrumentos: nossa crítica estudou obras densas ou difusas, mas sempre fixas, ou as que ela fixava. Será preciso inventar a crítica dinâmica, aquela que se ajustará a notações tão sutis quanto as de Rilke, aquela que poderá seguir, em seu jogo duplo e contrariado, a ação das forças que dissociam essa curiosa personalidade: uma sensibilidade diversa e submissa, capaz de se fundir no seio das coisas, e um dom de recuperação total, aguda, por uma inteligência sempre atenta. A sensibilidade que penetra primeiro nas mais íntimas dobras dos seres até se identificar com eles, para ver de repente, por uma virada brusca, o rosto sempre igual, se retrai em um sobressalto [...].

E tudo isso, pintura ou devaneio, lembranças ou meditações, é evocado pelas palavras que renovam sempre a sugestão, em uma prosa atravessada de misteriosas correspondências. - Uma palavra ainda: a arte de Maurice Betz nos faz esquecer sua sentença; lembrar-se só no fim de que se leu uma tradução não é fazer o maior elogio? (Benveniste, 1924, apud Laplantine, 2011: 260).

Nesse texto, Benveniste aponta que a arte é evocada pelas palavras renovadas pela sugestão e por uma misteriosa correspondência: o texto literário, porque objeto da arte, está mais para a evocação do que para a representação, própria da linguagem dita ordinária. Aqui temos um texto que coloca a arte como ponto de vista do texto literário, diferentemente do que visualizamos nos tomos.

Em 1930, Benveniste publicou *O texto Draxt Asürük e a versificação pehlevi* na *Journal Asiatique*, em que investiga, na literatura masdeana em pehlevi, o Draxt(i) asürük, que se distingue por uma dupla particularidade: “é a única espécime iraniana medieval do gênero dito ‘Ranstreitliteratur’ [...]” e “[...] o único texto literário a ser redigido no dialeto pahlavi arcaico do Noroeste [...]” (Benveniste, 1930: 13). O que Benveniste pretende neste artigo não é uma nova edição do texto, mas pensar o Draxt(i) asürük como um texto desfigurado pela tradição e pelos editores, tendo em vista tratar-se, em seu original manuscrito, de uma redação poética em versos. Para problematizar isso, o linguista realiza várias análises de duas edições do texto (a de Pagliaro, de 1925, e a de Bailey, de 1930), colocando em foco elementos como métrica, sílabas poéticas, assonâncias, aliterações, ritmo dos versos – que ele denomina de frases – e rimas.

Cabe destacar que termos próprios da poética, presentes no DB, já estavam no artigo de 1930. O poema bem como sua análise já faziam parte das problematizações pesquisadas por Benveniste, conforme podemos ver neste texto de 1930.

Em 1945, em *A água viril*, mais uma vez é a literatura como linguagem a problematização do linguista. O artigo em questão, ilustrado por litografias originais de André Marchand e publicado em uma revista de luxo, a *Pierre à feu*, número 1, organizada pelo poeta Jacques Kobes, ocorreu quase confidencialmente, pois, segundo Bader (1999), não há registro legal desse texto, sendo que sua publicação é apenas informada pela Fundação Maeght, responsável pela edição da revista.

Nesse texto, o linguista trata do imaginário poético da água:

Em uma representação animada e dinâmica dos elementos, [a água] constitui-se sempre de oposições, não somente entre um elemento e outro, mas entre um aspecto e outro do mesmo elemento. A imaginação, dócil a uma sugestão que emana da matéria, tende a dissociar figuras contrastadas e de sexos opostos das noções que a razão toma por simples e permanentes. A língua, as lendas testemunham essa dualidade, que os poetas reinventam cada vez mais e com tanto maior certeza quanto mais autêntica é sua expressão. Notemos alguns traços dessa mitologia latente nas figuras da água. (Benveniste, 1945, apud Laplantine, 2011: 261).

Moïnfar (1992: 17) destaca que o texto traz uma “[...] reflexão fina, penetrante e poética sobre o mar num texto conciso impossível de se resumir”. Para o autor, Benveniste mostra a dupla figura do mar: o mar presente nas canções de ninar e o mar que quando em fúria se masculiniza no oceano. E é por esse viés que Benveniste conclui seu texto:

Isso [a figuração do mar] é só superficialmente feminina; mesmo em seus raros momentos enganadores de calma, sua potência insondável e sua violência latente

a mostram viril. Sempre é encarnada em um deus imemorial, esquivo e solitário, o Velho do Mar. Lautréamont invocava-o com precisão: “Velho Oceano, oh grande celibatário!”. (Benveniste, 1945, apud Laplantine, 2011: 264).

Laplantine (2011) aponta que nesse texto há uma análise de um tema da cultura, que Benveniste chama de uma “mitologia latente” reinventada pelos poetas: nesse sentido, o linguista não está interessado em pensar a origem dessa mitologia, mas seu funcionamento. Já para Bader (1999), tanto a resenha quanto este artigo trazem traços autobiográficos de Benveniste. A partir de anagramas e relações textuais, a autora defende que ambos os textos trazem a vida do linguista, seus dramas e seus anseios.

Para além dessa questão autobiográfica, destacamos que a literatura comparece nos estudos empreendidos por Benveniste. Isso porque vemos, pelo menos, dois aspectos:

a) a presença de diferentes autores da literatura a partir de excertos de seus textos – Gaston Bachelard, David Herbert Lawrence, Paul Claudel, Henry Jean-Marie Levet, Herman Melville, Honoré de Balzac, Shakespeare (por Ariel) e Conde de Lautréamont – para pensar o imaginário poético da água, por exemplo;

b) a significação do texto literário ocorre pela evocação, pela emoção do leitor, e não pelo signo saussuriano. É a arte que interroga o linguista.

Em 1939, Benveniste publicou *La légende de Kombabos* e, em 1949, *La légende des Danaïdes*<sup>5</sup>. Laplantine (2011) esclarece que Benveniste trabalha nesses textos a partir de fragmentos de poemas, da literatura e da filosofia, interrogando-se sobre a língua e a cultura, ou seja, a literatura não aparece como tema, mas como método: o linguista propõe análises para descobrir “[...] a invenção de uma forma de linguagem por uma forma de vida, e uma forma de vida por uma forma de linguagem” (Laplantine, 2011: 141).

Moïnfar (1992) cita, ainda, o texto *Hymnes manichéens*, de 1937, como exemplo em que o poético comparece para além do linguisticamente reconhecido em Benveniste. Este texto traz a tradução inédita em francês de poemas em língua parta (iraniana-média) da antiguidade clássica.

Em *Vocabulário das Instituições Indo-europeias*, de 1969, também encontramos excertos de textos literários. No final do volume – em espanhol, trata-se de um livro apenas, ao contrário do original em francês que são dois –, há um índice de passagens citadas. Do grego, há mais de trezentos e trinta e seis excertos de Homero, a partir de seus poemas *Ilíada* e *Odisseia*. Além disso, podemos encontrar um excerto do poeta Apolônio de Rodas, oito do dramaturgo Ésquilo, dois do poeta Píndaro e três do dramaturgo Sófocles. Por último,

---

<sup>5</sup> Não tivemos acesso aos três textos que seguem, apenas a seus títulos.

encontramos um número considerável de excertos em latim: trinta e oito do dramaturgo Plauto, cinco do poeta e dramaturgo Terêncio e uma do poeta Ovídio (Benveniste, 1983). Podemos, então, afirmar que Homero e Plauto são os autores mais citados por Benveniste em seus textos presentes tanto no *Vocabulário das Instituições Indo-europeias* quanto nos *Problemas de Linguística Geral I e II*.

Na apresentação dessa obra, Benveniste (1983: 8) esclarece que o objetivo de seu estudo é “[...] mostrar como as línguas reorganizam seus sistemas de distinções e renovam seu aparato semântico”. Diferentemente dos textos anteriores, em que a evocação tem papel fundamental na significação, nessa obra vemos uma análise linguística que possa ser aplicada futuramente em estudos das línguas ou das culturas que, por carência de documentos escritos, faltam perspectiva histórica. Assim como vimos nos tomos, também aqui encontramos uma análise intralinguística do discurso, em que o estudo deixa ver a indissociabilidade entre língua e homem.

Por último, na obra *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, no capítulo 2, *A língua e a escrita*, mais especificamente na *Aula 14*, Benveniste (2014: 167) coloca que “o escrever foi o ato fundador, [...] instrumento da revolução mais profunda por que passou a humanidade depois do fogo”. Nessa aula, o linguista traz considerações acerca da escrita a partir de diferentes registros, dentre eles, a *Ilíada*, de Homero. A partir da narrativa presente nessa obra, Benveniste problematiza a relação entre língua e escrita “[...] para ver como uma e outra *significavam* (operavam uma significação com ajuda de um sistema de distinções representativas e constantes)”. [grifo do autor] (p. 173). O que encontramos aqui não é a escrita de Homero ou em Homero como objeto de estudo, mas a escrita do mundo helênico que a narrativa de Homero deixa ver.

#### **4 A LINGUAGEM E A LITERATURA EM BENVENISTE**

Na entrevista a Guy Dumur, Benveniste utiliza as *palavras aladas* de Homero para responder à primeira questão. Para além de uma metáfora, o termo representa em Homero o inapreensível, pois as palavras, porque aladas, fogem das pessoas: são qualquer coisa que tem existência própria e, por isso, não servem para comunicar (Pereira, 1984).

Guy Dumur – *Nunca se falou tanto de lingüística. No entanto pouca gente sabe do que se trata.*

Émile Benveniste – *A lingüística é a tentativa de compreender este objeto evanescente: a linguagem, para estudá-la como se estudam os objetos concretos.*

Trata-se de transformar as palavras que voam – o que Homero chama de “palavras aladas” – em uma matéria concreta, que se estuda, que se dissecar, onde se delimitam unidades, onde se isolam níveis. [grifos do autor] (Benveniste, 1989: 29).

Esta é uma entrevista feita por um crítico literário para uma revista de atualidades em uma edição especial literária. E o que isso diz da relação entre Benveniste e a Literatura? Primeiramente, de que há uma relação: as palavras aladas sempre estiveram entre os problemas de linguagem estudados pelo linguista. Além disso, é importante apontar que Benveniste, como linguista, tem espaço na literatura, pois foi entrevistado por um crítico literário de renome.

Revisitando os *Problemas de Linguística Geral I e II* e o *Vocabulário Indo-europeu*, podemos constatar que a literatura, principalmente o poema, sempre esteve lá entre os problemas de linguagem investigados pelo linguista. Dos poetas trazidos por Benveniste, desejamos marcar dois da lírica moderna: Rimbaud e Baudelaire.

Rimbaud, poeta francês, é o primeiro que aparece, cronologicamente falando, nos *Problemas de Linguística Geral I*. Destacamos esse aspecto, porque Benveniste foi um importante linguista comparativo. Nesse sentido, muitos são os poetas gregos e latinos da Antiguidade Clássica trazidos pelo linguista. No entanto, Rimbaud, poeta lírico moderno, é o primeiro. Ou seja, o que destacamos é que a escolha dos poetas e dos excertos citados nos textos não está para uma pesquisa comparatista – e talvez rica em poetas clássicos –, mas para o grande problema da linguagem.

Voltemos a Rimbaud. No texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, Benveniste problematiza o verbo como categoria de pessoa. Dentre as questões propostas, o linguista busca desvendar a base de oposições que diferenciam as pessoas verbais – esclarecendo que elas não apresentam simetria, mas oposições – a partir de um número considerável de línguas. E eis que para pensar a unicidade específica do “eu” e do “tu”, Benveniste traz um trecho da carta de Rimbaud a seu amigo Paul Demeny: “eu é um outro”. Esse trecho, para o linguista, evidencia a falta de conhecimento do que vem a ser essa unicidade específica: “eu” é atravessado pelo “tu”, mas é “eu” e não “tu”. Não um “eu” soberano e único, mas “eu” porque se constitui na reversibilidade com o “tu”.

Rimbaud coloca em cena que o “eu” é único e constituído na e pela enunciação. Nesse sentido, a linguagem poética aqui comparece como um importante interrogante da linguagem ordinária: porque do dia a dia, do fazer-se cotidianamente no viver dos homens, a linguagem ordinária, ao partir desses “esqueletos” falantes (Kehl, 2005), parece confundir(-se) com o que vem a ser a linguagem.

Baudelaire, o grande precursor da lírica moderna (Friedrich, 1978), é o último poeta a ser citado nos *Problemas de Linguística Geral II*. O excerto do poema *Correspondências*, de *As Flores do Mal*, não comparece como interrogante da linguagem ordinária, mas da semiologia da língua: são o universo poético e a criação do poeta que colocam em cena as correspondências. E isso está somente em Baudelaire. A língua poética de Baudelaire convoca uma semiologia de segunda geração: problematizar essas correspondências está para além do signo saussuriano como princípio único. É preciso, pois, adentrar em outro universo, em outro território, o da semântica da enunciação, porque é em e por Baudelaire que essas correspondências são vivenciadas.

Voltando à entrevista dada por Benveniste e às palavras aladas, o que vemos destacado pelo linguista neste texto é a linguística como tentativa, a linguagem como evanescente e as palavras como inapreensíveis. O texto literário para Benveniste, porque linguagem, coloca em cena que é preciso abandonar as categorias de análise até então utilizadas para o estudo da língua ordinária. Não as categorias que Benveniste utiliza, mas aquelas que veem na língua apenas o signo saussuriano do uso comum como princípio de unidade. A literatura coloca em cena que as palavras são aladas, não servem, pois, para comunicar, servem para viver. E se as palavras aladas estão no discurso, elas interessam a Benveniste. É o discurso, a literatura como linguagem, que interessa ao linguista.

Assim, a literatura comparece em Benveniste como interrogante e não como teoria: é a poesia que teria auxiliado Freud a pensar o inconsciente, é Rimbaud quem ajuda a interrogar o “eu” e o “outro”, por exemplo. Nos PLG’s, encontramos excertos literários, reflexões teóricas e prováveis caminhos a seguir. A literatura está lá, pois “tudo o que diz respeito à linguagem é objeto da linguística”, como bem coloca Benveniste (1989: 29). Para além dos tomos, a literatura deixa ver o interesse de Benveniste para a *língua em estado de arte* (Klafke, 2015).

A língua quando em estado de arte transforma o olhar do linguista para a linguagem: Benveniste chega a falar de exorcismo. É preciso, pois, expulsar do olhar do analista o vício comunicativo da linguagem e o vício da compreensão e da totalidade da obra literária. Se a literatura é linguagem, então as palavras porque aladas precisam evocar diferentes sentidos, em constante voo, sem um destino certo e único, reinventando-se a cada uso (Vier, 2016).

E isso é o que vemos no DB: é a arte de Baudelaire, o discurso da língua poética de Baudelaire, presente em *As Flores do Mal*, que evoca uma realidade segunda, transcendendo o signo saussuriano e encontrando a linguagem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a apontar um caminho, no final da entrevista de 1968, Benveniste afirma que a iniciação linguística “[...] permite acolher com mais abertura noções e pesquisas que visem a coordenar a teoria da literatura e a da língua. E o senhor vê – e que esta seja nossa conclusão – que muitas coisas se colocam ou se deslocam hoje na perspectiva da língua”. (Benveniste, 1989: 40). Entendemos que o estudo presente no DB é esse arranjo entre literatura e língua. O que vemos no DB é justamente um caminho possível para pensar o poema via linguística (Vier, 2016). Nesse sentido, o DB é um *continuum* dos estudos empreendidos pelo linguista.

A professora Marlene Teixeira (2006: 121) sempre defendeu que “é na arte que os acidentes ilegítimos e perturbadores da racionalidade científica encontram uma forma de representação, porque na arte, como no inconsciente, há um saber fundamental e primitivo que falta à ciência”. Acreditamos, assim, que a literatura esteja presente nos estudos de Benveniste porque ela possibilita problematizar a linguagem e desafiar a linguística a progredir “na razão direta da complexidade que reconhece nas coisas” (Benveniste, 1995: prefácio).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BADER, F. Une anamnèse littéraire d’E. Benveniste. *Incontri Linguistici*. n. 22. Università di Trieste. Roma, 1999. p. 11-56. Disponível em: <[http://www.revuetexto.net/Inedits/Bader\\_Anamnese.pdf](http://www.revuetexto.net/Inedits/Bader_Anamnese.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2014.
2. BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Edição estabelecida por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Trad. Daniel Costa da Silva et al. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
3. \_\_\_\_\_. *Baudelaire*. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.
4. \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
5. \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
6. \_\_\_\_\_. *Vocabulario de las Instituciones Indoeuropeas*. Madrid: Taurus Ediciones, 1983.
7. \_\_\_\_\_. Le text du Draxt Asürîk et la versification pehlevie. *Journal Asiatique*. oct-dez, 1930. Disponível em: <[http://farsibg.com/library/Benveniste,E.-Le\\_texte\\_de\\_draxt\\_i\\_asurik.pdf](http://farsibg.com/library/Benveniste,E.-Le_texte_de_draxt_i_asurik.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2015.
8. FRIEDRICH, H. *A estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

9. KLAFKE, S. R. *Da (re)criação enunciativa da experiência humana: a fotografia como testemunho*. [Projeto de qualificação de doutorado]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2015.
10. KEHL, M. R. O eu é um outro. *Artigos e Ensaios*, 2005. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=125>>. Acesso em: 4 set. 2015.
11. LAPLANTINE, C. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso. Entrevistadores: Marlene Teixeira e Valdir do Nascimento Flores. *Calidoscópico*, v. 11, n. 2, São Leopoldo, mai-ago 2013, p. 221-224.
12. \_\_\_\_\_. « La langue de Baudelaire », une culturologie. *Semen*, n. 33, Franche-Comté, avril, 2012, p. 71-90.
13. \_\_\_\_\_. *Émile Benveniste, l'inconscient et le poème*. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.
14. \_\_\_\_\_. *Émile Benveniste : poétique de la théorie*. Publications e transcription des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire. Tese (Doutorado). Ecole Doctorale Pratiques et théories du sens. Université Paris 8. Saint-Denis. 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotheque-numerique-paris8.fr/eng/notices/141555-Emile-Benveniste-po&eacute;tique-de-la-th&eacute;orie-publication-et-transcription-des-manuscrits-in&eacute;dits-d&rsquo;une-po&eacute;tique-de-Bau...html>>. Acesso em: 13 mai. 2012.
15. MOÏNFAR, M. D. L' œuvre d'Émile Benveniste. *Linx*, Lectures d'Émile Benveniste. n.26. 1992. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/linx\\_0246-8743\\_1992\\_num\\_26\\_1](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/linx_0246-8743_1992_num_26_1)>. Acesso em: 10 jul. 2014.
16. PEREIRA, M. H. da R. Em volta das *palavras aladas*. *Revista Colóquio*. Letras. n. 80. Lisboa, jul. 1984. p. 35-48. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=80&p=35&o=r>>. Acesso em: 3 set. 2015.
17. TEIXEIRA, M. Transgressão dos sujeitos em canções de Chico Buarque. In: DE CARLI, A. M. S.; RAMOS, F. B. (orgs.). *Palavra-Prima: as faces de Chico Buarque*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 114-127.
18. VIER, S. *Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária*. [Tese]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2016.

**ABSTRACT:** Émile Benveniste's manuscripts about poetry on *The Flowers of Evil*, by Charles Baudelaire, have given rise to several studies both in linguistics and literature. This article deals with the presence of literary texts beyond manuscripts and explores such presence in some studies published by the linguist. As a result, it is found that literature appears in different texts by the author and follows two perspectives: first, as the object of language analysis; secondly, as the object of discourse analysis. In conclusion, literature as per Benveniste can be understood as a possibility to discuss the Saussurean sign as the single principle of analysis, pointing out the need for new linguistics.

**Keywords:** Enunciation; Literature; Language.